



Revista Affectio Societatis
Departamento de Psicoanálisis
Universidad de Antioquia
revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co
ISSN (versión electrónica): 0123-8884
Colombia

Tipo de documento: Artículo de Reflexión

2024

Estanislau Alves da Silva Filho

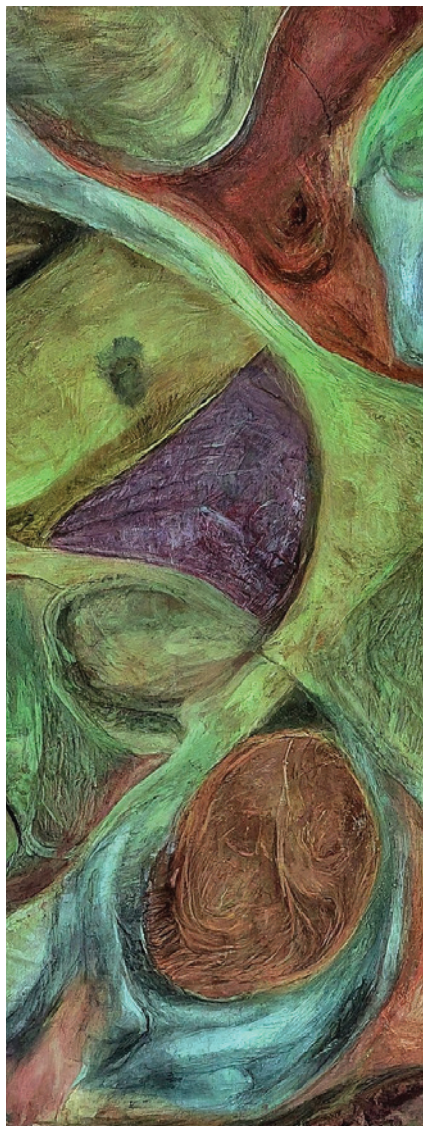
**A supervisão em paralaxe: da original fundação da psicanálise
à decisiva formação de analista**

Revista Affectio Societatis, Vol. 21, N.º 40, enero-junio de 2024

Art. # 07 (pp.1-26)

Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia
Medellín, Colombia

ARTÍCULO DE REFLEXIÓN



A SUPERVISÃO EM PARALAXE: DA ORIGINAL FUNDAÇÃO DA PSICANÁLISE À DECISIVA FORMAÇÃO DE ANALISTA

Estanislau Alves da Silva Filho¹
stani-asf@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0989-3613>

DOI: <https://doi.org/10.17533/udea.affs.v21n40a07>

Resumo

Paralaxe é o deslocamento aparente de um objeto quando se muda o ponto de vista. Que tal mudar o ângulo de observação da supervisão? Que tal pensar sobre a forma como a supervisão é parte ineludível de uma formação psicanalítica, isto é, da criação de um psicanalista? Será

que só alguém com a envergadura e a experiência de um Breuer ou um Winnicott poderiam fazer uma supervisão de verdade? Vamos ver.

Palavras-chave: supervisão, supervisor, psicanálise.

SUPERVISIÓN EN PARALAJE: DEL FUNDAMENTO ORIGINAL DEL PSICOANÁLISIS A LA FORMACIÓN DECISIVA DEL ANALISTA

El paralaje es el desplazamiento aparente de un objeto cuando se cambia el punto de vista. ¿Qué tal cambiar el ángulo de observación de la supervisión? ¿Qué tal pensar acerca de cómo la supervisión es una parte ineludible de la formación psicoanalítica, es decir, de la creación de un

psicoanalista? ¿Será que solo alguien con la envergadura y experiencia de un Breuer o un Winnicott podría hacer una verdadera supervisión? Veámoslo.

Palabras clave: supervisión, supervisor, psicoanálisis.

1 Estanislau Alves da Silva Filho, psicanalista e tradutor em psicanálise, mestre em psicologia clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e membro do Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política (IPUSP).

SUPERVISION IN PARALLAX: FROM THE ORIGINAL PSYCHOANALYTIC FOUNDATION TO THE DECISIVE TRAINING OF THE ANALYST

Parallax is the apparent displacement of an object when the point of view changes. How about changing the supervision's angle of observation? How about considering supervision as an unavoidable part of the psychoanalytic training, i.e., of the creation of a psychoanalyst? Would

only someone with the significance and experience of a Breuer or a Winnicott be able to do real supervision? Let us take a look at it.

Keywords: supervision, supervisor, psychoanalysis.

LA SUPERVISION EN PARALLAXE : DU FONDEMENT ORIGINEL DE LA PSYCHANALYSE À LA FORMATION DÉCISIVE DE L'ANALYSTE

La parallaxe est le déplacement apparent d'un objet lorsqu'on change de point de vue. Et si l'on changeait l'angle d'observation de la supervision ? Et si l'on réfléchissait au fait que la supervision est un élément incontournable de la formation psychanalytique, c'est-à-dire, de la création d'un psychanalyste ? Se pour-

rait-il que seul quelqu'un ayant l'envergure et l'expérience d'un Breuer ou d'un Winnicott puisse faire de la vraie supervision ? C'est ce que nous allons voir dans cet article.

Mots-clés : supervision, superviseur, psychanalyse.

Recibido: 09/04/2023 • Aprobado: 03/04/2024

Já faz certo tempo que não se pode dizer algo sobre a escassez de produção que tematiza a supervisão psicanalítica, mesmo este sendo um tema bastante peculiar quanto a seu tratamento. Está longe de ser um impulso imediato o de escrever e publicar uma ‘supervisão’ ou teorizá-la – ainda que supervisões “públicas” (isto é, com público, geralmente pagante) e publicadas, para indivíduo ou grupo, não sejam raridades. Eventos, revistas, livros, compilados, teses universitárias, artigos tematizando e inclusive relatos completos de supervisões, por exemplo, com psicanalistas como Bion, Winnicott ou Lacan, podem ser até facilmente encontrados atualmente. Material de ótima qualidade mesmo, de cunho nacional e internacional, pode ser referenciado (Grinberg, 1975; Broide, 2017; Valli, 2015; Duvidovich et al., 2020; Stein et al., 1992; Wilhelm, 1988; Nicolaïdis, 2001; Silva, 2019; Winnicott, 2012; Moretto & Kupermann, 2018; Safouan et al., 1996). Obviamente que isso tudo não esgota a temática, tão inesgotável canteiro de obras quanto qualquer outro pilar psicanalítico, de mais a mais, sempre atualizável e com o qual de tempos em tempos se se deve reconsiderar. Mas talvez haja algum refreio de certos impulsos de reinvenção da roda, com o assunto não saturando tanto o ‘mercado editorial’, para além de um possível receio que certos autores podem se autodirigir com relação à, quiçá, se ter que ser supervisor longamente experiente para se meter a falar disso. Enfim, vejamos como podemos dizer um algo distinto, em meio a tamanho enredo – é o esforço que nos guia.

Largo preâmbulo

Porém, antes, haveria que perambular mais até chegar ao ponto que mais que outros caberá mencionar. Há elementos de interesse aos quais gostaria de chamar a atenção, para só então chegar a uma reviravolta, quer seja, um revirão para a supervisão. Destarte, o que seria supervisão? Não se pode fugir de sua definição – e não há ninguém melhor para responder uma questão dessas do que o *enfant terrible* (sem dúvida capaz de dizer as verdades embaraçosas) da psicanálise:

Como veem, esse método de formação recorda a formação profissional do artesão. O aprendiz deve, em primeiro lugar, apropriar-se

dos segredos profissionais do mestre, submeter-se à sua influência educativa; convertido em companheiro, mas sempre vigiado e *controlado*, ele deve realizar a experiência do trabalho independente. Na formação analítica, o segundo tempo é representado pela chamada *análise "sob controle"*. São confiadas ao aluno algumas análises; ele trabalha sozinho mas vai periodicamente prestar contas de seu trabalho ao seu supervisor, que poderá chamar-lhe a atenção para eventuais erros técnicos, aconselhá-lo quanto à maneira de conduzir o tratamento. *O controle* prossegue até o momento em que o aluno é capaz de trabalhar sozinho. Durante esse período de acompanhamento, ele deve igualmente adquirir um saber teórico, pela leitura das obras em que Freud e seus discípulos consignaram os resultados já obtidos. (Ferenczi, 1992, p. 212, grifos nossos).

Ferenczi descreve com precisão o que a *kontrollanalyse* era, o que o dito tripé que tanto trabalhou para estabelecer (ao lado de Freud) era. É certo que Ferenczi aí não usa as famosas e fortes palavras de Eitingon sobre, se for o caso, 'o supervisor responsável retirar o caso do estudante' e tomá-lo para ser cuidado por si próprio, por via do controle que exerce. Mas, curiosamente, além de não estar em discordância imediata, ele de fato, aí (num ciclo de conferências realizadas em Madri, em 1928), reproduz até mesmo a bacana comparação com o processo de formação de um artesão, tal como enunciado por Eitingon em 1925, numa reunião da Associação Psicanalítica Internacional presidida pelo mesmo Ferenczi:

O jovem colega não se dá conta, sem dúvida, do que lhe falta e (...) o que ele precisaria era se encontrar numa espécie de oficina de psicanálise, onde estaria em contato, de maneira íntima e durável, com um psicanalista experiente e que trabalhasse de modo autônomo, que lhe prodigalizaria seu ensino o faria trabalhar como um mestre faz com seu assistente; fico tentado a dizer um artesão com seu aprendiz (não encontro comparação melhor, ao pensar no tempo e na soma de esforços que o trabalho do terapeuta exige, do que com relação a esses nobres ofícios de antanho, que o laboratório moderno, a universidade moderna e a fábrica moderna fizera desaparecer). (Eitingon, 1925, apud Safouan et al., 1996, p. 97).

Nada obstante, apesar de considerarem já ali que se deve dar "muito menos importância ao fato de que ela (*kontrollanalyse*) tenha

modalidades próprias do que ao fato de que seja considerada como parte integrante da formação” – ou seja, importa menos o modo de fazer do que o fazer, ressaltando-se mesmo que “o analista encarregado desse controle pode dar provas de uma maior flexibilidade para com o iniciante do que o didata” (haveria ou poderia haver muito mais liberdades e variedades nos processos de supervisão, em suas dinâmicas, do que nas análises) –, apesar disso, o ponto chave continuava sendo o de o supervisor mostrar ao iniciante “que ele comete erros e como proceder para não cometê-los”, inclusive se almejando muito que quando o supervisor “tiver um conhecimento mais amplo do iniciante, não terá dificuldade alguma para lhe mostrar por que ele comete erros, estabelecendo uma relação com seus complexos, e assim, numa certa medida, ajudá-lo-á a prosseguir sua própria análise” (Eitingon, 1925, apud Safouan et al., 1996, p. 97).

Era inquestionável o caráter corretivo do controle de análise, por mais inventiva que pudesse ser a sua prática, por mais “preocupada” com o paciente e com o supervisionando que pudessem ser as bem intencionadas intervenções. E intrigante de já se ver desde sempre a controvertível fala “ah, isso aqui você leva para a sua análise” entrelinhas nisso tudo, com a variante “isso é material de análise – sua comigo”. Mas não deixamos de notar a sagacidade da sacada artesanal e de convívio fomentador, não?

Anos e anos se passarão antes de podermos ter registro de interessantíssimas e geniais supervisões. James Gammill, por exemplo, que se supervisionou com Melanie Klein de 1957 a 1959, nos apresentou com a seguinte supervisão:

Certa vez a sra. Klein me disse: “Graças a Deus, Dr. Gammil, o senhor não interpretou a inveja nesse material, pois não havia nada que se ligasse a ela. Durante toda esta semana, tive várias pessoas que me trouxeram material e interpretaram a inveja, embora não houvesse nenhuma prova clínica para isso. Sabe, não sei se minha obra será destruída por meus partidários mais fervorosos ou por meus piores inimigos! Tem sido assim toda vez que publico um artigo importante com novos conceitos. Alguns rompem comigo por causa do novo conceito; outros querem acreditar que o novo conceito servirá para tratar e explicar tudo.” Eu nunca tinha visto a

sra. Klein aparentar tanta aflição e pessimismo quanto nesse desabafo emocional. (Gammill, 2019, p. 205-206).

Um presente nada distante daquele oferecido por Adnan Houbballah com relação à sua supervisão com Lacan, esta tendo se iniciado em 1969 e tendo durado 12 anos, se encerrando em 1981, mesmo ano de morte do analista francês:

Durante essa supervisão, Lacan nunca me incentivou a fazer sessões curtas. Uma vez, relatei-lhe uma sessão curta com um paciente; ele não disse para eu não fazer aquilo de novo, mas me recomendou a fazê-lo com conhecimento de causa e quando a ocasião fosse propícia. (Houbballah, 2009, p. 50).

“‘No começo’, disse ele, ‘serei pedagogo. Depois, será outra coisa’” (Houbballah, 2009, p. 46). Lacan este que foi um dos primeiros analistas a debater mais abertamente sobre essa prática – talvez por ter tido tantos supervisados quanto analisantes –, deixando claro algo de sua posição, já bem distinta da dos iniciadores:

Quando não estou em uma situação de supervisão (*controlê*), me autorizo a dar conselhos como: ‘ponha a sua confiança em questão’. Pois bem, esse é justamente o tipo de conselho que nunca dou [numa situação de supervisão], pela simples razão de que só o analista – e é por isso que o analista tem uma responsabilidade tão grande – é que pode sentir porque não põe a mão na massa... essa é a coisa que escapa a todo o controle (*controlê*). Já me ocorreu de estimular iniciantes a dizerem algo que eu via e que eles tinham compreendido muito bem [de um ‘material clínico’]; se eles tinham compreendido algo, é porque havia algo para ser compreendido. De outra forma, quando uma pessoa tem isso [quando traz o que traz fazendo ou não o que fez], a gente deve confiar no supervisionando (*contrôlé* - supervisionado), de modo que se não lhe ocorreu de fazer [ou forçar] algo, é porque tinha seus motivos para isso e queria ouvir mais. (Lacan, 1975, apud Nikolaïdes, 2001, p. 115).

Mais pontualmente, no seu 23º seminário (1975-1976):

Acontece que me dou ao luxo de *supervisionar*, como se diz, um certo número de pessoas que se autorizam por si mesmas, segundo

minha fórmula, a ser analistas. Há duas etapas. Há aquela em que elas são como o rinoceronte. Fazem mais ou menos qualquer coisa, e sempre dou-lhes minha aprovação. Com efeito, sempre têm razão. A segunda etapa consiste em tirar proveito desse equívoco que poderia liberar algo do sintoma. Com efeito, é unicamente pelo equívoco que a interpretação opera. (Lacan, 2007, p. 18).

Era marcante e marcadamente um avesso ao apontamento de erros, beirando ridiculamente uma oposta permissividade. Não houve relato de supervisionando seu que não incluísse a entusiasmada resposta dele à apresentação de um caso: “É exatamente isso!”. Quer dizer, ele definitivamente não usava o espaço para ensinar teorias, ou corrigir técnicas. Sua intervenção passava muito mais pela estimulação a se seguir o que já se estava fazendo, ou a fazer o que se tinha em mente² – seguida da provocação de efeitos (embora, talvez, se possa dizer que quando se chegava na ‘segunda etapa’, não mais se carecia do ‘lugar de supervisor’ e a coisa fluía por si). Uma postura ética inconfundível de estímulo e, em bom sentido, de validação. De promoção de confiança e responsabilização: faça e banque, arcando com as consequências, “erros ou acertos” – que só serão assim julgados precisamente pela única e própria pessoa que se encontra em posição de fazê-lo. Ou, para ressaltar as palavras de quem com ele assim esteve:

Basta ter feito uma supervisão prolongada com Lacan para ter uma ideia de sua concepção da formação ou da transmissão psicanalítica em geral. Ao contrário de seus outros colegas (e fiz supervisões com muitos deles), Lacan não procurava ensinar como conduzir uma

2 “Algumas vezes tenho que responder a casos, como aquele dessa famosa supervisão de que falei a pouco que, mais simplesmente, chamamos em francês controle (o que não quer dizer, bem entendido, que nós acreditamos controlar nada). Eu, muitas vezes em meus controles – ao menos no começo – encorajo muito o analista – ou aquele ou aquela que se crê como tal – o encorajo a seguir seu movimento. Eu não penso que seja sem razão que – não que ele se ponha nessa posição, isto é muito pouco controlado – eu não penso que seja sem razão que alguém venha contar algo simplesmente em nome disto: que lhe foi dito que ele era um analista. Não é sem razão porque ele espera alguma coisa disso. Agora, do que se trata mesmo é de compreender como pode funcionar o que acabo de lhes descrever com traços grosseiros” (Lacan, 2016, p. 73).

análise. Deixava você agir o melhor que podia, o que significa que ele deixava a seu cargo o cuidado de se informar se você estava suficientemente preparado, ou se o acúmulo das contratransferências, das intervenções extra-analíticas – tais como as supostamente destinadas a atenuar a culpa, sem falar do mal-estar interno e no fato de falar mais de si próprio que do seu paciente etc. – levava você a concluir que era o caso de retomar sua análise. Numa palavra, para Lacan, ‘formar um analista’ era, acima de tudo, dar todas as oportunidades para que algo da ordem do analista se realizasse. Ou, para dizer de outra forma, para que algo se atenuasse não tanto de seu narcisismo, como dizem repetidamente, mas das certezas que o eu tira de sua fantasia fundamental. (Safouan, 2009, pp. 87-88).

Dirá Radmila Zygouris (de supervisões ocorridas por volta de 66-67):

A supervisão com ele me trouxe muitas coisas, mas não no campo do saber teórico (...) Fiz supervisão com Lacan e o que aprendi foi coisa de modo lateral. (...) Sobre o material da supervisão não aprendi grande coisa. O forte de Lacan era colocar as coisas em ato (era rápido no agir). Era muito bom nisso. Sobre sua escuta não sei dizer. Tinha tanta gente à sua volta, era sobrecarregado de tal maneira que nem sempre podia escutar. Em geral, tudo o que eu apresentava ele dizia que era excelente, muito bom. (...) Considero que a supervisão com Lacan não me trouxe muita coisa, não era muito benéfica para os pacientes em questão. A vantagem da supervisão com ele provinha das observações que pude fazer sobre seus modos e maneiras de agir. Minha supervisão com ele não foi longa. Uma amiga minha tinha-o como supervisor na mesma época que eu. Ele dizia-lhe também que tudo o que ela fazia era excelente. Ela acreditava! Eu disse a ela que com Lacan tudo e todos eram excelentes (...) – o que não quer dizer que seja realmente excelente. (...) Depois trabalhei com outro supervisor e aí sim podemos falar em benefícios para o caso tratado. (Selaibe & Chnaiderman, 1996, pp. 100-101).

Justamente, enfatizará ela: “Percurso: O que é possível apreender na supervisão? Zygouris: Coisa ao redor; é um tipo de self-service, uma coleta ou apropriação. Não apreendemos a partir do que nos é dado, mas a partir do que roubamos; você apreende a partir do que pode tomar, pegar” (Selaibe & Chnaiderman, 1996, p. 101).

Claude Halmos nos conta de um experiência entre 1974-1979:

Eu ia uma vez por semana na hora do almoço. (...) Eu falava de vários casos. Lacan não demorou a dizer: “Isso é tudo o que tem a me trazer como supervisão?”. Compreendi que não devia vir com material bruto, mas refletir previamente sobre as notas tomadas durante as sessões. Várias vezes, ele pontuava da seguinte forma: “Minha querida amiga, você é formidável”. Eu ficava doente com isso. Disse-lhe que estava ali para aprender e que não podia acreditar que fosse formidável. Ele respondeu: “É exatamente esse o problema!”. (...) De maneira geral, ele evitava sempre transmitir um saber constituído, não indicava um “bom modo de fazer”. Procurava compreender como eu funcionava e me obrigava a ser analista descobrindo de certo modo meu “estilo”. Forçava o outro a não fazer economia de sua singularidade e, ao mesmo tempo, era rigoroso quanto aos princípios. Podia-se fazer tudo e dizer tudo, com a condição de manter com o paciente uma distância simbólica. (Roudinesco, 1994, p. 395).

Aliás, Lacan poderia exemplificar drasticamente a experimentação e a flexibilidade dinâmica aludida como de interesse ou possibilidade quanto à supervisão:

Quando concluí minha análise com ele e me propôs prosseguirmos nosso trabalho com uma supervisão, fiz a seguinte contraproposta, que ele aceitou: será que poderíamos tomar “em supervisão” tanto o analista Lacan que me analisou durante dez anos quanto o analista que eu tinha me tornado naquele tratamento? No caso, será que seria possível, no só-depois, formular questões teóricas a partir do saber inconsciente revelado aos dois pela experiência compartilhada? Mais particularmente, questões às quais a teoria de Freud e a de Lacan pareciam não responder? Foi com esse procedimento, possibilitado por Lacan, que aprendi tudo o que sei do inconsciente. Por outro lado, aquela foi a oportunidade de compreender o que para ele era o passe, esse tempo mediante o qual um devindo analista tinha não de inventar a psicanálise - isso já estava feito -, mas de fazer passar sua forma de reinventá-la. (Didier-Weill, 2009, p. 34).

Famigerado e controverso passe - imprescindível e inalienável supervisão:

Didier-Weill – Ouvi você dizer uma vez que uma supervisão era, no melhor sentido do termo, uma experiência de passe.

Jean Clavreul – Confirmo: trabalhei isso com Lacan, e ele estava totalmente de acordo.

Didier-Weill – Proximidade subjetiva do supervisionado e do passante?

Moustapha Safouan – A supervisão é o melhor meio de ser confrontado com sua posição de analista. (Didier-Weill & Safouan, 2009, p. 24).

Pedagogia pra lá de curiosa essa lacaniana, claramente não muito distante ou distinta daquela realizada por um Bion que não cansava de reafirmar o quanto teorias poderiam ser ensurdecadoras, o quanto seu barulho poderia inibir a escuta, sempre estimulando o uso de uma livre-especulação. Coisa de psicanalista, afinal, estando mesmo sempre não antecipando a jogada via pré-conceituações ou coisa e tal. Um Bion que rigorosamente preferia chamar de “Seminário Clínico” ao invés de “Supervisão” o trabalho que realizava com supervisionandos em grupos, tais como os que se deram aqui no Brasil. Mais precisamente, como já dito por James Grotstein, que foi seu analisando e supervisionando: “Bion não gostava de ser supervisor, ele não acreditava em supervisão. Ele achava que ninguém podia supervisionar alguém que esteve numa experiência emocional com o paciente” (Grotstein, 1988, apud Zimerman, 2008, p. 296). Isto é, Bion discordava profundamente da noção básica de supervisão, indo ainda muito mais além ao afirmar:

Poderíamos dizer que existe um único colaborador que temos em análise, com quem podemos contar (...). a maior ajuda que um psicanalista poderá obter não provirá do seu analista; ou de seu supervisor; nem de um professor; ou de livros que possa ter lido, mas de seu paciente. O paciente – e tão somente o paciente – sabe o que significa ser si mesmo ou si mesma. O paciente também é a única pessoa que sabe como se sente alguém que tem as ideias que ele ou ela tem. (Bion, 2017, p. 14).

Não há e nem pode haver melhor supervisor que a própria pessoa. ‘O analisante como supervisor’, chegarão a dizer alguns lacania-

nos. Alguém que poderia de fato orientar quanto ao rumo a se seguir. Enfim, uma ‘re-versão’ já de ponta. Ou melhor, revisão. O que não quer dizer que não poderia haver algo no campo mais pragmático:

Cabe uma história de um controle que realizei com W. Bion, creio que em 1963. Bion me impressionou profundamente, da aparência ao modo de proceder. O paciente que apresentei disse: “Hoje estou deprimido”. Bion interrompeu aí e falou do perigo de eu pensar que sabia o que o paciente dizia ao se declarar deprimido. Sobre esse assunto girou toda a sua intervenção, e ele acabou dizendo: “Quando você abrir a porta, vir seu paciente e souber tudo sobre ele, feche a porta e lhe diga para voltar amanhã”. O excesso de luz obscurece o saber. (Horne, 2013, p. 15).

Mas há, sim, um ponto mais crucial que conviria ser considerado como ‘a teoria de Bion sobre a supervisão’, sobre como a supervisão haveria que ser, caso haja uma³. Algo que ele poderia expressar bem assim numa supervisão feita com ele:

Para voltar à sessão de amanhã: o que vocês devem fazer é dar uma chance ao germe de um pensamento. Por certo não irá agradá-los; e certamente vocês irão desejar que ele esteja em conformidade com alguma teoria psicanalítica muito apreciada, de forma que se vocês o relatassem a um outro psicanalista, poderia ser visto como estando de acordo com a teoria psicanalítica ou com as teorias de seu supervisor ou de seu analista. Mas isso não funciona para aquilo que vocês dizem *por sua conta*. Portanto – e este é realmente o ponto mais importante, mas também o mais difícil – vocês devem *ter a coragem* de pensar e de sentir seja lá o que for que pensam ou sentem, não importando o que a sua sociedade, ou a sua Sociedade de Psicanálise, pensa sobre isso, nem mesmo importando o que vocês mesmos pensam sobre. Posso tentar classificar esses pensamentos e sentimentos como imaginações especulativas, como ideias especulativas e razões especulativas. Entretanto, não acredito que possamos nos permitir o equívoco de supormos que tais pensamentos

3 O psicanalista Humberto Haydt de Souza Mello, que teve livro belamente prefaciado por Bion, dirá: “Psicanalista mesmo não faz isso, não quer nem saber dessa coisa de super-visão” (Mello, 1987, p. 146).

especulativos têm o mesmo *status* que os cientistas atribuem a fatos. No que se refere aos fatos, penso que eles constituem evidências corroborando alguma crença, ideia ou teoria. As coisas das quais estou falando não equivalem a nada melhor do que uma probabilidade, algo para a qual não há evidência adequada ou suficiente que sirva de suporte. (Bion, 2017, p. 28).

Esse seria o estado de espírito para a supervisão. E que mais? Como é uma imaginação especulativa? Como fazer com ela? Como fazê-la? Absurdidades?

Não posso dizer que conheço “nós”. Igualmente, não posso dizer que nós conhecemos “nós” mesmos. Pois “nós”, quem quer que sejamos, nunca encontramos a “nós” mesmos anteriormente. Não somos sequer aquilo que fomos há uma hora. Assim, vou começar tendo uma imaginação especulativa: ou seja, quero indicar algo que não é um fato, é um fato imaginário. Vou começar pensando que quando há vários indivíduos aqui, há também muitos pensamentos sem pensador; e que estes pensamentos sem pensador estão, assim, no ar em algum lugar. Formulo a hipótese de que eles estejam procurando por um pensador. Espero que alguém possa se sentir preparado para alojar estes pensamentos ou na própria mente, ou na própria personalidade. Estou ciente de que esta é uma solicitação muito grande, porque estes pensamentos-sem-pensador, pensamentos vagabundos, são também potencialmente pensamentos selvagens. E ninguém gosta de dar uma casa a um pensamento selvagem para depois ouvir alguém dizer que aquele pensamento era seu. Agrada a todos nós que os nossos pensamentos sejam domesticados, gostamos que sejam pensamentos civilizados, bem treinados e racionais. No entanto, por mais selvagens e irracionais que estes pensamentos possam ser, tenho a esperança de que vocês possam ousar dar-lhes algum tipo de abrigo temporário. E que depois os vistam com roupagens verbais apropriadas, para que possam ser expressos publicamente e se possa dar a eles a possibilidade de se mostrarem, mesmo que pareçam não ser muito adequados. Espero que essas imaginações especulativas tenham a possibilidade de obter um certo grau de respeitabilidade de forma que possam existir até numa comunidade científica. Estas imaginações especulativas, analogamente às razões especulativas, são criaturas muito fracas. Facilmente destrutíveis. (Bion, 2017, pp. 75-76).

Falar o que vier à cabeça, sem censura, sem censurar-se ou deixar-se censurar? Corre-se o risco de emitir um pensamento que talvez sequer venha de si próprio, muito provavelmente sendo acusado de ser um encenqueiro, facilmente passando a ser visto como um. Dar livre curso ao que vem. Criar imagens verbais, sem se preocupar com os encaixes e as dignidades. É preciso e importante falar, ousar imaginar, deixar-se especular, “por mais ridículos, estúpidos ou fantásticos que sejam” os pensamentos, “mantê-los por tempo suficiente até sermos capazes de formular o que são” (Bion, 2017, p. 71). Não se incomode de parecer idiota. Fale, faça a sua hipótese, desenhe. Em supervisão, é esse espaço e essa especulação que importam. Sem receio de não saber ou de não acertar. Invente! É o que diz Bion (1989, p. 190): “Necessito de ‘pensamentos sem pensador’. Posso ter que criar um domínio que não é um trabalho científico sério, nem um jogo, nem um rival assassino. Se isso vale para a ‘infância’, para a ‘matemática’, por que não para a própria ‘psicanálise’? Deve ser encontrado um ‘espaço para brincar’ no qual possamos jogar nosso ‘jogo’”. Winnicottiano demais? Voltaremos a Winnicott adiante. Por ora, cabe ressaltar o quanto Bion ocupava-se de ser uma pessoa ‘real’ e com despertar as fantasias de outras pessoas, num convite ao sonhar e ao viajar por pedaços de sonhos. Não se propunha a ocupar o lugar da inteligência de ninguém, essencialmente enxergando o espaço ‘supervisionado’ não mais do que o de um encontro entre pares, no qual não há superioridade em campo (não se trata de espaço para instrução) e, sim, como para Lacan, cabendo ali uma dimensão de testemunho e de consulta a si próprio através do outro – algo inexoravelmente dependente da experiência prévia de alguém com a sua inconsciência: uma relação entre analistas, ao menos dois.

Uma outra origem para a psicanálise: a supervisão de Breuer com Freud

*Breuer – Sabe, parte de mim tem a esperança de que ao ajudar esta bizarra criatura a superar a sua dor e a sua autocomiseração, eu possa superar as minhas próprias dores.
Freud – Superar os seus sofrimentos? Todos os médicos de Viena o invejam.*

Breuer – Sentimos coisas aos 40 que não podemos conhecer aos 25. Preciso impedir que o paciente abandone tudo e se vá.

Deve haver um jeito.

Freud – Talvez se você se “abrisse” para ele, pudesse conquista-lo. Ganhe a confiança dele, e ele se abrirá como um marisco.

Após pensar uns segundos (e com a testa franzida):

Breuer – Acho que eu sei de um jeito, Sigi. Acho que sei de um jeito...

Trecho do filme Quando Nietzsche Chorou, homônimo do livro de Irvin Yalom

É bastante comum se atribuir ou reconhecer as origens da psicanálise numa auto-análise de Freud, em seus insights teóricos ou mesmo na genial sacada de Bertha Pappenheim, com a sua ‘cura de chaminé’ também bem denominada de ‘limpeza pela fala’, inquestionavelmente sendo “Anna O” o primeiro caso de tratamento psicanaliticamente analisado. Há quem goste de reconhecer a pré-história freudiana inaugural na correspondência de Freud com Fliess, lendo-a como tripartida em análise pessoal (desde um amor transferencial dirigido a Fliess), formação teórica (que avançava com as observações e construções clínicas) e supervisão (a partir de discussões e intervenções sobre casos). Mas menos se ventila quanto ao surgimento peculiar relativo ao trabalho sobre o primeiro caso, em especial quanto à forma como Breuer e Freud colaboraram, algo que se não é rastreável em âmbito de condução e manejo imediatos, é, sim, inegável quanto ao exercício de repensamento de um ocorrido, de um contínuo retorno ao caso para aprender e depreender dele. De qualquer modo, não nos apressemos: pensemos no relacionamento, em certa linha.

O primeiro encontro de Freud com Breuer aconteceu no Instituto de Fisiologia, nos últimos anos da década de 1870, e “tornaram-se amigos imediatamente. ‘Ele se tornou meu amigo e meu amparo nas minhas situações difíceis’, diz Freud. ‘Acostumamo-nos a conferir os nossos interesses científicos. Nessa relação, a parte mais vantajosa coube naturalmente a mim’” (Jones, 1979, p. 236). Breuer tratou da senhorita Anna O de dezembro de 1880 a junho de 1882. Assume-se que

foi “em novembro de 1882 [que] Freud, um médico recém-formado de 26 anos, ouviu de Breuer detalhes clínicos desse caso, cinco meses depois do final do tratamento” (Britton, 2012, p. 39), e que no mínimo, a partir daí, “costumava discutir os seus detalhes com Breuer permanentemente” (Jones, 1979, p. 239). Mas é certo que foi desde muito antes disso que a esposa de Breuer “começou a entediar-se pelo fato de não ouvir do marido mais nada senão esse assunto” (Jones, 1979, p. 237), de modo que Ronald Britton chega mesmo a sugerir “que a hospitalização de Anna O em 7 de junho de 1881 foi [já] uma consequência da insistência de Frau Breuer”, que “ficara zangada e impaciente com o envolvimento de Breuer com a paciente” (Britton, 2012, p. 45). Excetuando-se alguma aproximação ainda por se aprofundar entre os dois descobridores – o que até parece suspeito, visto que já em 1882, provavelmente por ocasião do noivado de Freud com Martha em junho desse ano, “Breuer, de forma quase regular, emprestava dinheiro a Freud” (Jones, 1979, p. 89) – é de se admitir trocas entre a fome e a vontade de comer.

A riqueza sintomatológica do caso Anna O. (sobretudo a existência dos dois diferentes estados de consciência) “estava[m] tão distante” da experiência de Freud que, além de ser capazes de produzir um grande efeito, no jovem médico, promoveram várias discussões com Breuer. Em uma dessas conversas, que ocorreu em 13 de julho de 1883, na casa de Breuer, os médicos de Viena partilharam experiências clínicas, enquanto cearam “em mangas de camisa”: “(...) tivemos uma longa conversa médica sobre a insanidade moral, doenças nervosas e casos estranhos – sua amiga [de Marta Bernays, noiva de Freud, na presente ocasião] Berta Pappenheim também veio à baila” (Freud em correspondência à Martha em 13/7/1883, escrita 2 da madrugada). Mas será que esses encontros, nos quais Breuer e Freud compartilhavam casos clínicos, vão além da amizade, da intimidade e do prazer em discutir procedimentos médicos e observações clínicas? Certamente sim, pois Freud pôde extrair deles um aprendizado para sua própria prática clínica, colhendo muitas lições com o experiente Breuer, 14 anos mais velho que o pai da psicanálise. O aprendizado de Freud foi de magnitude tal que ele revisitou o caso da Sta. Berta Pappenheim, várias vezes durante o curso de sua obra, como o fez, por exemplo, em “Cinco Lições de Psicanálise” de 1909, em a “História do Movimento Psicanalítico”, em 1914, e ainda em “Um Estudo Autobiográfico” de 1925. (Valli, 2015, p. 19).

“Enquanto Breuer e Freud jantavam sozinhos descansadamente, Breuer fez a ele um outro relato sobre o caso, bem mais informal, relaxado e íntimo” (Britton, 2012, p. 39) – cenário ecoado e reverberado.

Freud admirava muito Breuer: “Conversar com Breuer era como ‘se a gente se sentasse ao calor do sol’; ‘ele irradia luz e calor’. ‘É de tal modo uma pessoa radiante, e não sei o que vê em mim para mostrar-se tão bondoso’” (Jones, 1979, p. 188). Muito frequentemente Breuer levava Freud “nos seus passeios. Isso algumas vezes cobria uma distância considerável, e assim tinham de despender a noite em lugares distantes de Viena. Numa dessas ocasiões, em Baden, Breuer registrou o nome de Freud no livro de registros como sendo seu irmão” (Jones, 1979, p. 189). Além do mais, “Breuer quase nunca tentava influenciar Freud. Freud frequentemente procurava seus conselhos (...) para ajudá-lo nos problemas (...) e assim por diante. Breuer costumava sempre adivinhar a verdadeira atitude de Freud e incentivá-lo nessa direção” (Jones, 1979, p. 189). Como bem faria um supervisor? Dizê-lo seria fazer um grande pulo – inclusive numa direção contrária àquela gostaríamos de aventar. De qualquer modo, do ponto de vista de Freud, a coisa era tal que ele chegou a dizer e redizer:

Se é um mérito ter criado a psicanálise, esse mérito não é meu... Eu ainda era estudante e estava me preparando para meus exames finais na época em que outro médico vienense, o Dr. Josef Breuer, usou pela primeira vez (em 1880-2) esse procedimento com uma jovem que estava sofrendo de histeria... a história desse caso e seu tratamento vocês encontrarão narrada em detalhes em *Estudos sobre a histeria* [1895], publicado mais tarde por Breuer e por mim. (Freud, 1910, apud Britton, 2012, p. 38).

Freud chegará a rever essa consideração excessiva por Breuer, ponderando que o seu método catártico (ainda atrelado à hipnose e à ab-reação) seria antes um estágio preliminar, ao qual faltava adicionar a fala em associação livre – transição esta promovida por ele (entre 1892 e 1895 segundo Ernest Jones), magistralmente em sacada à luz da dimensão transferencial nuançada em Anna O. A propósito, quando se encontravam na tarefa da “preparação dos *Estudos*, Breuer observou quanto ao fenômeno da transferência: ‘Creio que esta é a

coisa mais importante que nós dois vamos levar ao conhecimento do mundo’” (Jones, 1979, p. 260). Tal caso só será conjuntamente publicado em 1895, 14 anos depois do final do tratamento, após intenso esforço de Freud em reavivar o interesse do colega nos problemas suscitados pela histeria, querendo dar a conhecer ao mundo a descoberta que Anna O havia feito⁴. Nesse âmbito, “embora Breuer fosse de muito seu superior no plano hierárquico, e quatorze anos mais velho do que ele, era o mais jovem que (...) desempenhava inteiramente a posição de liderança” (Jones, 1979, p. 259). Não à toa no “verão de 1895, três meses após a publicação dos *Estudos*, encontramos esta observação de Breuer que escrevia ao seu amigo Fliess: ‘O intelecto de Freud está atingindo a sua altura máxima. Sigo-o com a vista, como a galinha que acompanha o voo do falcão’” (Jones, 1979, p. 250). Aliás:

Em uma carta escrita em 1907, Breuer explicou por que, depois de Anna O, ele não prosseguiu com o método analítico em casos de neurose e os encaminhou a Freud: “Naquela época, aprendi muito – muitas coisas de valor científico, mas também a lição prática importante de que é impossível para um “clínico geral” tratar um caso desses sem que a sua atividade e a condução da sua vida sejam completamente arruinadas. Eu jurei, na época, jamais me submeter de novo a tal provação” (Grubrich -Simitis, 1997, apud Britton, 2012, p. 39).

Freud supervisor não pôde oferecer ao supervisionado Breuer mais de imediato algo que possibilitasse desfecho distinto ao acontecido e sucessivamente ocorrido. Embora ambos, supervisor e supervisionado, tenham sido justamente interrogados enquanto analistas pelo caso, Breuer infelizmente parece ter ficado muito traumatizado pela experiência prática do atendimento, não conseguindo tirar maiores proveitos dela. Por outro lado, Freud, como não é incomum a um

4 Enfatizando Freud no obituário de Breuer outros méritos (como o do tempo de atendimento): “O que ele realizou nesse “caso princeps”, a imensa dedicação e paciência com que empregou a técnica inventada, até que a paciente se livrasse de [...] sintomas – isso o mundo soube [...] infelizmente apenas em forma bastante abreviada e, devido à discricção médica, censurada. Nós, psicanalistas, que há muito estamos habituados a dedicar centenas de horas a um único paciente, já não podemos conceber a novidade que esse empenho representou 45 anos atrás” (Freud, 2011, pp. 316-317). Muito ficava por contar – sabia ele.

supervisor, pôde aprender demais daquilo tudo. Vendo e revendo o caso, leitor genial que era, trocando incontáveis vezes com Breuer (obviamente, a supervisão não acaba quando um caso é interrompido⁵), conseguiu *a posteriori*, tecer elucubrações cruciais, para não dizer (já dizendo) que a psicanálise nasce daí, isto é, diiso. Britton (2012) assevera, por exemplo, sobre aquele dito primeiro relato de Breuer a Freud em 1882: “Se esse tivesse permanecido seu único conhecimento do caso, teria lhe fornecido o material necessário para suas primeiras teorias da vida mental inconsciente, repressão e conversão” (Britton, 2012, p. 39). Da mesma forma, na conversa de 1883 se “revelou o psicodrama erótico que se desenrolou no tratamento e, possivelmente, [isso] deu a Freud o material bruto para suas teorias sobre o complexo de Édipo, identificação, transferência, contratransferência, compulsão à repetição e atuação” (Britton, 2012, p. 39). Havia ali um gênio que jogava com impasses, avançava por eles, extraíndo de mitos ou de memórias de doentes dos nervos, pontos-chave. Jovem sagaz que era, fermentava ideias e instigava pensares, mas, neste caso em especial – neste *retcon* (continuidade retroativa – termo pra lá de analítico), esta anacronia comparada, releitura ou desleitura sódepois que aqui se sugere –, não sossegou enquanto não avançou tudo o que poderia com seu experiente e generoso supervisionando. Um Breuer

5 Mais, ainda: “*Marie-Hélène Brousse*: ... No seminário de DEA de Jacques-Alain Miller, trabalhou-se ‘A intervenção sobre a transferência’ de Jacques Lacan, em que – é uma fórmula um pouco mordaz – Lacan supervisiona Freud no tratamento Dora –. *Jacques-Alain Miller*: E como! No caso Dora, nos outros também, ele não deixa Freud em paz. É sua ‘transferência negativa’ em relação a Freud” (O Debate, 2003, p. 66). Mas, no extremo: “*Pierre Skriabine*: Eu estava em análise com Lacan, jovem analisando e engenheiro empregado. Na saída de uma sessão, no limiar da porta, Lacan me disse: ‘Muito bem, amanhã, faremos uma supervisão’. Eu respondi: ‘Perdão? Como?’, ‘Amanhã você fará uma supervisão’, repetiu Lacan. Reagi um pouco [sem] jeito, resmunguei: ‘Será que o senhor não está me confundindo com alguém? Eu não sou analista’. ‘Venha amanhã fazer uma supervisão’, disse Lacan pela terceira vez, um pouco agastado. Como eu estava especialmente abobado, resmunguei: ‘Mas eu não tenho paciente’, e ele me disse: ‘Isso não tem importância’. Perante a minha estúpida incompreensão, aborrecendo-se, ele me disse: ‘Amanhã’. Saí titubeante e, do efeito de vacilação de máxima amplitude que isso provocou, foi no *a posteriori* que compreendi” (O Debate, 2003, p. 78). Conversa entre analistas.

que generosamente depositava muita 'fé' e estima no jovem amigo, confiança no jovem parceiro, sem o quê certamente mesmo o prodígio menino não voaria como voou. Um gênio que suscitava genialidade ao investi-la no outro. De quem mesmo se está falando?

O gênio de Winnicott

Imagine o seguinte cenário: evento internacional de porte, pessoas de muitos lugares diferentes, entre mais, vindo especialmente para acompanhar as sugestões e intervenções clínicas de um renomado psicanalista ao vivo no decorrer de uma supervisão aberta. Supervisionando, tanto quanto plateia, aprenderiam com o experiente supervisor, esperado direcionador da bagaça toda. Quando, então, não mais que de repente, muito espontaneamente, uma reviravolta se dá. Ouçamos Ishak Ramzy:

Donald Winnicott foi um dos professores a quem mais prezei, e durante quase vinte anos foi meu amigo e conselheiro. Como era de meu costume passar por Londres todas as vezes que ia para o Congresso Internacional de Psicanálise na Europa, escrevi a Winnicott, em junho de 1969, para saber se ele teria tempo para um encontro e uma conversa, antes que nós dois estivéssemos ocupados com as atividades pré-Congresso no caminho para Roma. Ele me respondeu prontamente propondo uma noite para o encontro logo após minha chegada a Londres. Contudo, em correspondência enviada mais tarde e entregue no mesmo dia, recebi outra carta que dizia: "Tenho algumas notícias para você. Você não sabe ainda, mas no dia 22 de julho, das 14:30 às 16:15, você vai *me* supervisionar perante todos os participantes do pré-Congresso! Acontece que, por conta de minha doença, alguns de meus estudantes tiveram que procurar supervisão em outros lugares e, por isso, não tenho nenhum estudante com um caso muito bom para ser supervisionado por mim até lá. Assim, solicitei permissão para ser supervisionado e estou convocando você para ser o meu supervisor. Pretendo levar um caso de análise de uma criança, e você poderá achá-la bastante insatisfatória enquanto análise, mas isso conduziria à discussão.guardo com ansiedade e alegria essa experiência. Quando nos encontrarmos eu posso te deixar a par de qualquer coisa a mais que você desejar saber, se for necessá-

rio. Espero realmente que você aceite fazê-lo”. Logo após minha chegada a Londres, à noite, depois de um jantar suntuoso preparado por Clare, Winnicott me contou sobre o trabalho para o qual estávamos agendados no dia 22 de julho, como parte do Programa Científico do pré-Congresso, oferecido pela Sociedade Britânica de Psicanálise. Quando perguntei se haviam notas que eu pudesse ler para me inteirar do caso, ele disse, meio sério, que eu não precisava perder tempo preparando-me, e nem devia me preocupar com quaisquer detalhes além daqueles que ele iria apresentar; neles eu poderia basear minhas intervenções e dirigir uma discussão aberta na reunião. Foi somente depois de uma troca de brincadeiras que ele me entregou uma cópia integral datilografada das notas sobre o caso, a partir das quais ele ainda não tinha decidido qual porção apresentaria. Na minha volta ao hotel, preocupado com o desapontamento do público ao ver Winnicott não dando uma supervisão, conforme fora anunciado, em vez disso ele sendo, pelo contrário, supervisionado, e por um colega muito menos entendido no assunto, eu rapidamente folheei o manuscrito para aprender alguma coisa do seu conteúdo e ver como a discussão da apresentação poderia seguir. Foi como se eu tivesse encontrado, por acaso, um tesouro escondido. A grande emoção e prazer que senti naquela leitura dissiparam minhas preocupações, e passei a esperar por aquela função com animada antecipação. (...) Os assentos no grande anfiteatro estavam todos ocupados, e aqueles que chegavam mais tarde tinham de se contentar com um lugar em pé. Da lista de registros para essa reunião, o público incluía psicanalistas dos quatro cantos do mundo, com apenas alguns da Inglaterra, uma vez que o Programa Científico do pré-Congresso era oferecido principalmente para visitantes de outros países. Depois de explicar porque ele não iria dar uma supervisão, e que iria, ao contrário, ser supervisionado por mim, como um convite seu, Winnicott prosseguiu, com a sua voz mansa e seus modos despreziosos, introduzindo o caso e apresentado o trabalho que realizara durante a primeira sessão com a paciente. (Winnicott, 2012, pp. 13-14)⁶.

6 O manuscrito com as notas todas do caso fora publicado pela International Universities Press, Inc. em 1977, sob o título ‘The Piggie: relato do tratamento psicanalítico de uma menina’, e muito mais recentemente, por caminhos muito mais tortuosos, o áudio original do pré-Congresso (gravado em fita cassete) e sua transcrição também ganharam publicação organizada por José Outeiral de modo independente, em tiragem diminuta de 300 unidades e sem editora oficial: “Winnicott falando sobre Piggie – Supervisionado por Ishak Ramzy – Pre-Congress Meeting – Lon-

A supervisão foi mesmo enriquecedora, em discussão suficientemente boa e honesta. Aberta a participações. Ora se pode ver Winnicott concordando com Ramzy, ora discordando, ora assumindo-se ansioso na condução do caso, ora envergonhado de algo feito, sempre muito dignamente: “Winnicott: Bem, eu vejo ligeiramente diferente do meu supervisor, mas na verdade ele tem razão sobre isso. O fato é que fico feliz que isso tenha sido trazido aqui, e penso que mostrei a ansiedade aqui, de alguém que não sabe realmente o que vai fazer”, ao que Ramzy respondia “Se eu fui trazido aqui, acredito que devo atuar no papel que me foi oferecido...” (Winnicott, 2012, p. 39). Definitivamente ele permitia que o outro o usasse: “Ramzy: As suas questões. Winnicott: É, isso mesmo, e as crianças, e não adultos, podem fazer uso de nós mesmo quando estamos sendo maus analistas, elas encontram uma forma de nos usar” (Winnicott, 2012, p. 41). Um provocador impagável: “Winnicott: ... As pessoas me perguntam ‘Que tipo de casos você trata mais, quem você ajuda mais?’ e eu sempre digo ‘Aqueles que teriam conseguido de qualquer forma’ (com ou sem minha ajuda)” (Winnicott, 2012, p. 28). Generoso em levantar temas, falando livremente deles, especulando imaginativamente, supondo, argumentando, afirmando ou se desculpando. Justa supervisão. Numa contramão de muitas atuações, como frisa Pontalis:

Digo frequentemente que os eminentes membros titulares são muitas vezes bem incapazes de fazer o que exigem de seus candidatos. (...) Por exemplo, os relatórios de validação de supervisão. Neste caso, acho que o candidato que quer validar sua supervisão é quem deve se pronunciar sobre o tratamento que conduziu, ou pelo qual foi conduzido. (...) Mas não intervenho. Eu digo: ‘O analista é ele, e não eu’. Não é todo mundo que faz isso. Há muitos que retomam o relato do tratamento à sua maneira, fazem observar o que eles teriam dito, ou o que o analista candidato não ouviu, etc. Isto depende também da concepção que temos da supervisão. Há supervisores muito pedagógicos. (...) Não é esta minha maneira de trabalhar em supervisão, meu modo é, talvez, mais de escutar. (Pontalis, 2002, pp. 32-33).

don, June 22nd 1969” (Winnicott, 2012). O áudio onde a ‘voz mansa’ de Winnicott pode ser escutada segue disponível no Youtube em: <https://www.youtube.com/watch?v=XQ63mfEiBaE> – acessado em 17 de outubro de 2021.

Que frisa também:

Aliás, me regozijo, e é uma coisa que aprendi com Winnicott, em não fazer escola, em não ter discípulos. E mesmo havendo talvez jovens analistas que têm algo que pode vir do que viveram ou escutaram comigo, afirmo que nunca quis formas alunos. Isso é certamente, algo que Winnicott pregou, em dos raros a não ter discípulos, enquanto há tantos discípulos de Anna Freud, kleinianos, lacanianos, e até greenianos... Há discípulos laplanchianos... E há, talvez, pessoas de quem se diga 'Pontalis talvez tenha passado por ali', mas não há discípulos de Pontalis. Talvez seja até uma fraqueza, não ter posições suficientemente firmes para que possam se impor. Mas não há nada em mim que se proponha a fazer escola, a fazer modelo, a dizer 'façam como eu' (Pontalis, 2002, pp. 46-47).

Bendita psicanálise, fundadora da ética como linguagem que não faz escola nem reconhece discípulos, sem conhecimento, desejo ou memória que não do futuro.

Supervisão? Subvisão? Subversão? Reversão? Revisão? Reinvenção? Já disse que haveria que haver um depósito, um investimento num outro?

Somente um psicanalista desafia um psicanalista como psicanalista

Somente um poeta desafia um poeta como poeta e, portanto, só um poeta faz um poeta

Harold Bloom em 'Um Mapa da Desleitura'.

Traço aqui o germe de um pensamento, quem sabe do qual poderei ser responsabilizado por dar moradia, e igualmente acusado por sua selvageria – supervisores-leitores. É preciso um psicanalista para fazer outro. E não só no sentido da própria análise, onde, a princípio, só um analista está em jogo. Há que haver o espaço de troca entre dois analistas, em que um pode jogar com o outro enquanto analista, o que

não é, uma vez mais, o caso de uma análise pessoal. Se desafiado na posição de analista, uma conversa entre analistas que se reconhecem como tal (quando um paciente ou analisante fala, fala como analisante, sem mais). Uma supervisão poderia ser um espaço de criação e abertura mais ampla – não de ensino, mesmo que possa haver aprendizagem –, onde falas analisantes em associações flutuantes pudessem cambiar em reconhecimento de outras ordens. É claro que se é de inconsciente que se trata, na última instância será sempre o caso de escutar-se através de outro alguém; mas, em supervisão, não haveria o ‘morto’ ou a ‘interpretação’, sendo mais geralmente apenas campo de restauração de capacidade de se surpreender com um caso, um paciente, um alguém que noutra canto se atende.

Muito mais será a injeção de que tentei tratar. Do analista que vai fiar o outro, tratá-lo como analista, não fazer o seu tratamento. Do fazê-lo ao colocá-lo na sua posição e questioná-lo desde ali. Para questionar a posição de analista, será preciso partir da colocação naquela posição, pra responder dela (até se for pra cair). Mas tem um estalo nisso. Um supervisor (que é um analista) faz um analista na interrogação (no desafio) de sua própria posição de analista, num movimento que justamente transparece e transfere o gume analítico. Só que ao contrário, agora! Um supervisor, ao levar um caso para ser supervisionado por seu supervisionando, faz dele supervisor-analista. Supervisor tornado supervisionado por confiar e se colocar à mercê do seu supervisionando, o faz analista. Não como a neurótica faz do analista analista. Não como Bertha fez de Breuer analista. Mas como Breuer faz de Freud analista, ao supervisá-lo como par, a quem generosa e abertamente reconhece e abre seu caso. Olhar com um olhar de quem consegue receber contribuição dali, de quem bota fé no que vem dali. Não ingenuamente ou falsamente. Pode ser uma aposta, é claro – talvez não se possa escapar de ser uma. Mas uma aposta séria. Dito: acreditar com creditar.

Restos excluídos

Bion (2017, p. 28) salienta que “gostaria de estar ao lado de qualquer destas coisas que foram excluídas”, “do terceiro excluído” a “seja lá o que for”. Tenta-se apanhar algo disso. Por exemplo, em complemento

da última sessão, a não novidade ou exclusividade do decisivo procedimento especulado.

Bernard Thys: Em 1954, no Instituto de Psicanálise de Paris, Schlumberger, para a formação dos alunos analistas, fazia o que ele chamava de supervisões: era ele que nos reunia, éramos mais ou menos dez. Ele nos dizia: “Se vocês se comprometem a respeitar o segredo profissional, vocês têm o direito de vir ao meu seminário. Vou falar de um caso clínico, vou contar as três sessões que aconteceram na semana precedente, e vocês poderão colocar todas as questões que quiserem. Vocês serão meus supervisores”. Safouan estava nesse seminário de Schlumberger, de quem ele era analisando. Pasche também utilizava essa forma de ser. Era uma destituição antecipada do supervisor, e era apaixonante. (O debate, 2003, p. 79).

Não distante, e com o óbvio retorno do *enfant terrible* sempre antecipador:

Rivka Warshawsky: ... Em Viena, Ferenczi e depois Reich mantiveram, durante vários anos, um célebre seminário clínico sobre a resistência, que tratava apenas dos grandes fracassos em análise. Tratava-se, para aquele que apresentava, de demonstrar como ele tinha dirigido mal o tratamento. Era uma competição muito original. (O debate, 2003, p. 83).

Supervisão? Seminário clínico? Oferecer-se para uso? Análise de controle? Cada um a seu modo, vai inseminando e transmitindo psicanálise noutrem. Parece haver uma diferença de uma apresentação ou um intuito didático em se colocar ou trazer um caso, e mais dedicadamente se abrir a espontaneidades e especulações não especulares. Expor fragilidades não pode ser suficiente. E nem se trata somente se ser capaz de se surpreender com o que ouve. Tampouco é o caso de enxergar desde o olhar de uma galinha, o jovem voando como falcão. A sutileza estaria em ‘elevar’ o outro a par. Deixar-se por ele levar. Em assumi-lo como colega, igual, ainda que diferente, outro. Com deferência. Diz-se que deferência seria atitude de respeito e consideração, geralmente em relação a um superior ou a pessoa mais velha. Pois bem: atitude de respeito e consideração em relação a uma pessoa “mais nova”.

De mais a mais, define-se supervisão: supervisão é se ser provocado enquanto psicanalista por um psicanalista, com vistas à derivações especulativas e aberturas. Exemplarmente, se não é o que a primavera faz com as flores, supervisão é o que Breuer fez com Freud e o que Winnicott fez com Ramzy. Coisa fora de série – mas a se fazer.

Referências

- Bion, W. (1989). *Uma memória do futuro I – o sonho*. Martins Fontes.
- Bion, W. (2017). *Seminários italianos*. Blucher.
- Bloom, H. (2003). *Um mapa da desleitura*. Imago.
- Britton, R. (2012). Anna O: primeiro caso, revisitado e revisado. In R. J. Peirelberg [e colaboradores], *Freud: uma leitura atual* (pp. 38-50). Artmed.
- Broide, E. E. (2017). *A supervisão como interrogante da práxis analítica: do desejo de analista e a transmissão da psicanálise* [Tese Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo]. Repositorio PUCSP.
- Didier-Weill, A. (2009). Lacan, o espantoso. In A. Didier-Weill & M. Safouan [orgs.], *Trabalhando com Lacan: na análise, na supervisão, nos seminários* (pp. 28-35). Zahar.
- Didier-Weill, A. & Safouan, M. (2009). Perguntas a Jean Clavreul. In A. Didier-Weill & M. Safouan [orgs.], *Trabalhando com Lacan: na análise, na supervisão, nos seminários* (pp. 19-27). Zahar.
- Duvidovich, E., Goldenberg, R. & Broide, E. E. (2020). *A supervisão psicanalítica: ofício e transmissão*. Zagodoni.
- Ferenczi, S. (1992). O processo da formação psicanalítica [1928]. In *Obras Completas. Psicanálise IV*, (pp. 209-214). Martins Fontes.
- Freud, S. (2011). Josef Breuer [1842-1925]. In *Obras Completas* (vol. 16, pp. 350-352). Companhia das Letras.
- Gammil, J. (2019) Algumas recordações pessoais sobre Melanie Klein. In *Melanie Klein: autobiografia comentada*, (pp. 187-216). Blucher.
- Grinberg, L. (1975). *A supervisão psicanalítica: teoria e prática* (J. Castanõn Guimarães, trad.). Imago.
- Horne, B. (2013). Entrevista: como Lacan e a orientação lacaniana marcaram e diferenciaram sua prática da supervisão? *Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, (73), 7-15.
- Houballah, A. (2009). Supervisão com Lacan. In A. Didier-Weill & M. Safouan [Orgs.], *Trabalhando com Lacan: na análise, na supervisão, nos seminários* (pp. 44-50). Zahar.

- Jones, E. (1979). *Vida e obra de Sigmund Freud*. Zahar.
- Lacan, J. (2007). *O Seminário, livro 23: O sinthoma, 1975-1976*. Zahar.
- Lacan, J. (2016). Conferência na Universidade de Columbia [1/12/1975]. In F. Denez, & G. C. Volaco (Orgs.). *Lacan in North Armorica*. Editora Fi.
- Mello, H. H. S. (1987). *O manuscrito perdido de Freud*. Escuta.
- Moretto, M. L. T. & Kupermann, D. (2018). *Supervisão: a formação clínica na psicologia e na psicanálise*. Zagodoni.
- Nicolaïdis, N. (2001). *Alphabet et psychanalyse: suivi de une séance de supervision avec Jacques Lacan*. L'Esprit du Temps.
- O Debate. (2003). *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, (35), 63-84.
- Pontalis, J.-B. (2002). Entrevista com J.-B. Pontalis. *Jornal de Psicanálise*, 35(64/65), 29-47.
- Roudinesco, E. (1994). *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. Companhia das Letras.
- Safouan, M. (2009). Sobre a distinção lacaniana entre a psicanálise terapêutica e a psicanálise didática. In A. Didier-Weill & M. Safouan [Orgs.] *Trabalhando com Lacan: na análise, na supervisão, nos seminários* (pp. 81-88). Zahar.
- Safouan, M., Julien, P. & Hoffmann, C. (1996). *O mal-estar na psicanálise – o terceiro na instituição e a análise de controle*. Papirus.
- Selaibe, M. & Chnaiderman, M. (1996). Entrevista - Radmila Zygouris: Uma geografia peculiar. *Revista Percurso*, 1(16), 98-109.
- Silva, R. F. (2019). *A supervisão (controle) na formação do psicanalista*. Relicário.
- Stein, C., Mannoni, M., Valabrega, J.-P., Zaltzman, N., Rabin, J.-F., Bokanowski, T., Smirnoff, V., Mijolla, A. de, Cournut, J., Ascher, J. & Masson, M. (1992). *A supervisão na psicanálise* (E. Borges Pereira Leite, trad.). Escuta.
- Valli, C. M. M. (2015). *A história da supervisão na formação do analista: de Breuer a Lacan* (Tese Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo). Repositorio PUCSP.
- Wilheim, J. (1988). *A caminho do nascimento: uma ponte entre o biológico e o psíquico*. Imago.
- Winnicott, D. W. (2012). *Winnicott falando sobre Piggie - pre-congress meeting, London, junho 22nd 1969, supervisionado por Ishak Ramzy* (A. Leão e J. Outeiral (trads.) Maresfield Gardens.
- Zimmerman, D. (2008). *Bion: da teoria à prática*. Artmed.